

A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal

PIERRE DARDOT E CHRISTIAN LAVAL

São Paulo: Boitempo, 2016. 416p.

*Cristian Arão Silva de Jesus**

No ano de 2016, os filósofos Pierre Dardot e Christian Laval desembarcaram no Brasil para o que seria a primeira turnê da dupla no país. Com o intuito de promover *A nova razão do mundo* (livro publicado em 2008, mas só traduzido para o inglês em 2014 e lançado no Brasil em 2016), os pensadores franceses participaram de eventos em Salvador, no Rio de Janeiro e em São Paulo, trazendo contribuições para a interpretação do neoliberalismo e aquecendo o debate sobre a política contemporânea.

A obra de Dardot e Laval chega ao Brasil justamente no momento em que o golpe de 2016 e a intensificação da ofensiva neoliberal desafiam a esquerda a uma reflexão sobre o seu lugar no mundo. O ensaio analisa não só a gênese e a estrutura do neoliberalismo como também o papel da esquerda nesse cenário. Forjado no grupo de estudos Question Marx, aliando marxismo com o pensamento de Foucault, o livro desvela a mentalidade neoliberal para deixar clara a necessidade da criação de uma mentalidade socialista.

Na primeira parte do livro, os autores se debruçam sobre a história do liberalismo, fazendo uma arqueologia que traz à tona uma série de ideias sobre como o neoliberalismo teria surgido de uma crise do pensamento liberal clássico. Um fato histórico seria o responsável pela construção da teoria neoliberal: o Colô-

* Professor do Instituto Federal da Bahia. E-mail: cristian_arao@hotmail.com.

quiu Walter Lipmann (Paris, agosto de 1938). De acordo com Dardot e Laval, foi nesse evento, com críticas ao naturalismo liberal, isto é, à compreensão do *laissez-faire* como uma lei natural, que surgem as ideias que vão representar esse novo liberalismo. Analisando essa renovação da pauta, os autores, contrariamente a ideias muito difundidas, afirmam que o neoliberalismo não deseja a ausência do intervencionismo estatal. Como os novos liberais consideram o *laissez-faire* um misticismo, eles defendem a existência de um intervencionismo liberal que assegure a existência da competição. Sendo assim, deve existir um Estado de tamanho razoável capaz de auxiliar o mercado. O objetivo do novo liberalismo, então, não é a privatização completa, mas a expansão da mentalidade neoliberal; isso quer dizer que as empresas estatais devam funcionar como empresas privadas, com o mesmo ideal de competição e controle. Justamente aí reside a tese central do livro: o capitalismo neoliberal não é só um sistema econômico, mas uma racionalidade. O neoliberalismo funciona como uma fábrica de pessoas que cria sujeitos que devem pensar como empresas em competição, que tenham como horizonte somente o seu desenvolvimento e encare os outros sujeitos como competidores que precisam ser superados.

O objeto da segunda parte do livro é o produto da fábrica de sujeitos. A mentalidade é o pilar mais importante do sistema neoliberal. As pessoas precisam estar sempre atentas e preocupadas com a concorrência, pois, desse modo, há uma exaltação da figura do vencedor. O herói, o mais adaptado, é aquele que administra sua vida da forma mais produtiva. Os programas de assistência social do *welfare state*, por outro lado, atrapalhariam esse processo. A verdadeira crítica dos neoliberais ao “Estado de bem-estar social” seria, então, menos econômica e mais moral. Não se trata dos custos financeiros, nem da degradação ética que os serviços gratuitos e a assistência social trariam. O Estado estaria incitando a preguiça ao oferecer algum nível de segurança, pois os indivíduos seriam movidos somente pelo interesse próprio. Sem o medo, a insegurança e a insatisfação, os sujeitos tenderiam ao pecado do ócio.

De acordo com Dardot e Laval, a ideia de *welfare to work*, isto é, passar da ajuda social para o trabalho, serve como um excelente mecanismo de controle social, como uma “corrente invisível”. A cultura do desempenho não só divide os trabalhadores, minando as relações de cooperação e identidade de classe, como cultiva o sentimento de culpa em relação ao não sucesso do indivíduo. Se a pessoa não alcançou o sucesso como um vencedor, é porque fez más escolhas. Nessa lógica, não se deve auxiliar o trabalhador quando ele perde o emprego e o idoso que não investiu o seu dinheiro corretamente durante sua fase mais produtiva, da mesma forma como o doente, o obeso, o mau aluno: são todos exemplos de perdedores que não se adaptaram como deveriam. Esse sistema de autocontrole e culpa interioriza as formas de opressão e heteronomia. Segundo os autores, o resultado da aplicação dessa racionalidade foi o aumento de trabalho e a diminuição de prazos e salários, além da já citada corrosão da coletividade. É como se a

figura do capataz existisse agora não mais como um sujeito que age com violência física, mas sim dentro da mente, com violência psíquica.

Tal mentalidade de desempenho teria chegado a um ponto tão avançado que fez emergir uma “esquerda neoliberal”. O “blairismo” (conjunto de ações políticas propostas nos anos 1990 por Tony Blair, do Reino Unido, caracterizado por um forte apoio à liberalização da economia, pelo incentivo à integração cultural, entre outros aspectos) seria o ponto de referência dessa esquerda moderna. A bandeira da igualdade, por exemplo, é substituída pela pauta da luta contra a miséria. A esquerda perde sua radicalidade assumindo as pautas mínimas e, sobretudo, a mentalidade neoliberal, inconscientemente. Partindo do mesmo princípio da competitividade, privilegia a concorrência no lugar da solidariedade, intensificando, assim, as obrigações individuais no mercado de trabalho. As ações sociais do Estado, nesse cenário, seriam mais investimentos do que um ato de proteção e segurança da dignidade. Os autores afirmam que a esquerda padece de uma pane de imaginação ocasionada pelo excesso de zelo à *realpolitik*. Não haveria uma oposição efetiva aos rumos da política mundial, apenas variações dentro do neoliberalismo.

Nesse contexto de dominação da mentalidade neoliberal, a democracia é degradada e existe mais como formalidade. Se entendemos o neoliberalismo como um sistema que existe muito mais como uma racionalidade que ocupa diversas dimensões da vida humana, a democracia não foge à regra. O processo democrático se resume a um procedimento de seleção de dirigentes avaliados por resultados práticos, como se fossem administradores e não políticos que discutem e propõem um norte para a sociedade.

Os autores terminam o livro evocando a necessidade de criação de uma outra racionalidade que constitua uma efetiva oposição à mentalidade neoliberal. Se a esquerda erra por compartilhar do mesmo *éthos* da direita, faz-se necessário inventar um outro conjunto de valores que governe a sociedade, cultivando a autonomia e a solidariedade. Para tal, há a necessidade do cultivo de “contracondutas”, isto é, uma negação das condutas do capitalismo para a construção de uma outra forma de vida. Todavia, essas ações de contraconduta não são individuais, mas coletivas. Não existe o “homem novo” do socialismo habitando o mundo capitalista. A contraconduta deve servir como um farol para a construção de uma nova sociedade.

A nova razão do mundo configura-se, então, como uma obra extremamente relevante para a compreensão do século XXI. Muito embora a ideia de que o capitalismo se propaga como uma dominação mental não seja exatamente uma novidade (Marx e o fetichismo, Marcuse e a ideologia da sociedade industrial são alguns exemplos de como o problema é abordado por outros pensadores), a análise do neoliberalismo feita na obra desvela nuances e idiosincrasias pertencentes ao neoliberalismo contemporâneo. Mais do que isso, toca num ponto pouco visitado: a necessidade da criação de uma racionalidade socialista. Se a esquerda não pode partilhar dos mesmos valores da direita, é necessário que, para uma mudança social efetiva, as transformações estruturais sejam acompanhadas de uma mudança de mentalidade.